

# OS PIONEIROS XIII

"Relembrar o passado é viver novamente. O presente que está aí é muito fantasiado"

(José Mundim Guimarães, o Nhozinho de Planaltina)

## "Eu tenho saudade de nossa velha Planaltina"

A cidade de Planaltina, uma satélite anterior à própria fundação de Brasília, foi o tema de Os Pioneiros, em sua 13ª versão. Os pioneiros que lá foram entrevistados e cujos depoimentos reproduzimos hoje, na íntegra, têm uma história diferente dos outros primeiros habitantes da nova Capital pois suas famílias e alguns deles próprios já estavam neste Planalto muito antes de Brasília começar a se tornar uma realidade. Hoje, no horário das 21:15h, você poderá assistir pela TV-Nacional o 14º programa de uma série de 20, que compõe Os Pioneiros.

Nhozinho — Relembro o passado é viver novamente. O presente está aí, está muito fantasiado.

Tânia Quaresma — Fantasia de quê?

Nhozinho — Muita novidade, muita coisa boa, né? Essa mocidade entusiasmada aí, andando pra baixo e pra cima aí, isso é bom, né? Esse entrosamento entre homem e mulher, isso é bom. Ficar meio retraído não dá, né? Vamos botar pra engambiar, né?

Tânia — O Senhor acompanhou Brasília desde o marco inicial. Quantos anos o senhor tinha? O senhor se lembra?

Nhozinho — Eu tinha onze anos e me lembro demais. O Deputado Americano do Brasil veio representando o Presidente da República da época. Quando colocaram a pedra eu estava presente. Veio um contingente militar de Ipameri. A gente era muito criança, né?

Tânia — Ouvia-se falar na mudança da Capital?

Nhozinho — Todo mundo sabia que aquilo era o marco inicial da futura Capital. Ai eu perguntei a um tenente: O que significa esse marco aí? Ai ele respondeu: é o marco do morro da Independência para a edificação do futuro Distrito Federal.

Tânia — O Senhor não comprou terras em Brasília?

Nhozinho — Eu já tinha muita terra desapropriada. De Sobradinho pra baixo tudo era meu. Para ajudar a trazer a Capital para cá eu fui obrigado a vender barato. Para ajudar, não é? Pois se o pessoal não ajudasse a Capital ia para o Triângulo Mineiro.

Tânia — Quando começou a construção o senhor lá?

Nhozinho — Muito pouco. Eu era funcionário público, não podia, sair, né? Hoje é diferente, né? Funcionário larga a repartição, vai embora e pronto. Eu trabalhei para o governo durante quarenta anos, como coletor federal.

Tânia — E Planaltina? Como o senhor se sente aqui?

Nhozinho — A Planaltina nossa melhorou muito comercialmente, no sentido educativo também melhorou muito. Mas esta tudo muito archoado. Como disse o Presidente, esse é o ano do arrocho. Vamos ver se vai dar para arrochar mesmo, né?

Tânia — O Senhor está archoado demais?

Nhozinho — Uma coisa louca. Tânia — O que mais lhe agrada em Planaltina?

Nhozinho — Bom, estou com 73 anos, eu nasci e me criei aqui. O que mais me agrada aqui é a tranquilidade. (...) Em 1965 começou a desapropriação aqui, não é? Eu acompanhei tudo isso. Com relação ao General Poli Coelho, ele se hospedou na chácara do Dr. Ozanam. Depois ele faleceu e veio o Marechal José Pessoa. Quando o Marechal José Pessoa chegou aqui não tinha nem um carro para levar ele lá onde é o Cruzeiro hoje. Naquele tempo se chamava Alto da Mira. A Comissão Cruis, em 1893, colocou lá uma marca, que tinha comunicação com os Pireneus, em Pirenópolis. O

Marechal, então, chegou aqui. Quis ir ao Alto da Mira. E eu tinha uma chimbiquinha, um Ford 36, e então me ofereci para levá-lo. E então fomos. Levei um roçador, pegamos a estrada que ia para Vianópolis e que hoje passa ali pelo SIA e que vai até Luziânia. Era tudo de barro. Com o roçador a cortar o mato nós entramos por um atalho e chegamos até o Alto da Mira, onde hoje é o Cruzeiro, ali atrás do Memorial JK. Chegamos lá, apeamos, o Marechal olhou tudo, e na volta o automóvel começou a enguiçar e o Marechal ficou incomodado, muito incomodado. Estávamos perto da Serra, no Colorado, chamada Serra do Urubu. Juntamos todos, arrancamos o carro no braço do atoleiro, voltamos, e o Marechal ficou muito satisfeito. Bom, a inauguração de Brasília foi uma coisa estrondosa. O Juscelino Kubitschek não podia ter morrido não. Ele fez muita falta em Brasília.

### D. JUDITE ALARCÃO

Tânia — D. Judite, toda vez que falam na senhora falam da comida maravilhosa que a senhora faz. A senhora nasceu aqui?

D. Judite — Nasci em Formosa, e acho que falar que sou boa cozinheira é bondade do povo. Não é que eu seja boa cozinheira, não. Servi ao povo. E durante 38 anos. Fui a primeira pessoa a dar comida para Juscelino, Bernardo Sayão.

Tânia — O que a senhora acha de Planaltina?

D. Judite — Acho maravilhosa, gosto muito daqui. Pra mim não existe cidade melhor que Planaltina. Eu tive oportunidade de ir morar em Brasília, mas eu não quis não. Eu gosto é de Planaltina.

Tânia — Quais são as comidas típicas da região?

D. Judite — Arroz com pequi, mandioca frita, batata frita, carne de porco, frango, arroz, feijão, feijoada, abóbora, couve, salada, malinesa... Tudo isso eu fazia.

Tânia — Quais as mudanças acontecidas na cidade de Planaltina e que mais lhe incomodam?

D. Judite — A coisa que mais me incomoda é roubo. Porque nós não tínhamos o costume de ouvir falar de roubo. A gente saía e deixava a casa aberta. Você podia deixar a casa aberta por dez, quinze dias, e nunca se ouvia falar de roubo. E hoje a gente se preocupa, não é?

Tânia — A senhora estava falando da nomenclatura das ruas.

D. Judite — Pois é. Nós tínhamos uma rua que se chamava Rua da Palha. Depois mudou. A gente queria bem a ela, né? Desde pequena que conheci a rua como Rua da Palha. E mudaram. E nem sei quem mudou. Eu sinto saudade. Tanto que não falo Rua Piauí, falo Rua da Palha. Nessa rua moravam as pessoas mais necessitadas, era onde a gente tinha a oportunidade de levar as coisas. Pois aqui, antigamente, não tinha tanta gente necessitada. Nós não tínhamos esmolar. To-

Foto de MARCIA MACEDO



A Catira em Planaltina, tradição regional mantida no presente

do mundo tinha suas coisas para comer. Depois começaram a chegar as pessoas de fora e que começou a ficar assim. Mas eu acho até bom, pois é tão bom ajudar os outros, não é? Mas aqui não tinha esmolar não. Isso foi depois de Brasília, apesar de que Brasília foi uma maravilha para nós. Eu mesmo, como filha daqui, adoro Brasília. Achei que deu oportunidade a todos. Mas, tenho saudade da nossa Planaltina velha.

### SALVIANO MONTEIRO GUIMARÃES, Administrador de Planaltina

Tânia — Qual sua relação com a criação de Brasília?

Salviano — Acho que é uma relação grande. Primeiro porque sou daqui, dessa região do Planalto Central. Só não nasci aqui, nasci em Goiânia. Mas fui batizado aqui em Planaltina, no Morro da Capelinha, em 1943. E passei grande parte da minha juventude, no período de férias, aqui em Planaltina, percorrendo de jardineira a região onde hoje é Brasília, jardineiras que vinham de Goiânia, de Formosa. Andávamos a cavalo pela região onde hoje é Sobradinho juntando gado, vendo os campos, etc. Depois disso, já em 1958, vim quase que definitivamente para cá. Fiz o curso superior na Universidade de Brasília. Na época era um sonho muito grande e Brasília significava a afirmação da arquitetura nacional. Nós, que estudávamos em São Paulo, tínhamos uma fascinação muito grande por Brasília.

E pelas minhas próprias origens, e por tudo o que eu conhecia da região, pelas viagens feitas por aqui, resolvi, na época, vir fazer o curso de arquitetura na Universidade de Brasília. Foi uma época belíssima a do início da construção, quando convivíamos com Oscar Nieme-

yer, o Lele, o Glauco Campello, enfim, com toda a equipe que construiu a cidade. E praticamente aprendemos arquitetura construindo Brasília. Depois da construção de Brasília, continuei a morar na cidade, a vir a Planaltina. Para todos nós, que nascemos por aqui, a Planaltina é onde hoje está Brasília, tudo isso parece um sonho inacreditável.

Tânia — Você acha que a chegada da Capital tirou o goiano de sua vida tradicional, misturou muito seus valores?

Salviano — Evidentemente que tirou. Nós até podemos fazer uma busca na história. Planaltina era uma cidade pacata, do interior do Brasil, que vivia da economia do gado, que tinha suas ligações com as capitais, com o Rio de Janeiro e outras cidades, ligações essas esporádicas quando apareciam viajantes trazendo notícias novas, e Planaltina, enfim, tinha um certo equilíbrio econômico, social, político, e pelo exemplo de Planaltina nós podemos ver que, realmente, muitas das coisas do goiano, muito daquela sua tranquilidade habitual — porque o goiano desta região vivia em perfeita harmonia com a natureza, era um homem que tinha tempo, tempo para contar suas histórias, para viver, tempo para transmitir seus conhecimentos aos seus filhos. Naturalmente que a construção de Brasília retirou desse homem o pouco dessa sua paz e trouxe, evidentemente, outros benefícios. Planaltina, que era um exemplo dessa tranquilidade, se transformou. Grande parte da sua tranquilidade, da sua gente, das suas casas foram transformadas. O impacto de Brasília foi realmente forte. O planaltinense, embora tenha sempre lutado pela mudança da Capital, talvez ele não tivesse percebido tudo aquilo que poderia vir e tudo aquilo que poderia

modificar seu *modus vivendi*

### D. HELIACENA PEREIRA DA COSTA, Professora

Tânia — Dizem que todo mundo que se formou aqui em Planaltina passou por suas mãos. A senhora era professora?

D. Heliacena — Era. Todo mundo não, mas alguns são médicos, engenheiros, farmacêuticos. Eu preparei a vinda de Brasília, formando esse povo, trabalhando no curso primário. Todos foram meus alunos.

Tânia — Era um método diferente de ensino. Como era?

D. Heliacena — Era o método global, partindo do todo para as partes.

Tânia — Desde quando a senhora ouviu a história da interiorização da Capital?

D. Heliacena — Desde pequena, quando meus avós, minhas tias-avós contavam que a capital teria que vir para cá. O pai de meu avô, Manoel de Carvalho, o Maia, levou um senhor, me parece que era conde, lá na Chapada dos Viadinhos, a cavalo, para ver se o local servia para ser a futura Capital. Ele até deu um relógio de ouro para ele. Minha família tinha esse relógio, mas acho que meus tios o venderam. Relógio dado por esse senhor, que era do Rio de Janeiro.

Tânia — Como era Planaltina antes da Capital vir para cá?

D. Heliacena — Era uma cidade pacata, muito boa, a gente vivia muito bem, com muita fartura. Não havia assassinações, ladrões, não havia violência. Nós vivíamos muito bem aqui. Meu tetravô foi o fundador de Planaltina.

Tânia — A senhora já viajou muito?

D. Heliacena — Já fui à Europa, graças a Deus. Fui também ao Oriente Médio. Foi uma graça de Deus, pois eu nunca pensei que isso pudesse me acontecer. A viagem foi dada por meu filho, que é médico em Brasília.

Tânia — A senhora, que viu tantos lugares, como compara esses lugares a Brasília, a Planaltina?

D. Heliacena — Não dá nem para comparar, não é? Nós encontramos até nas pirâmides. O Teatro Nacional se parece um pouco com aquelas pirâmides egípcias.

### MÁRIO CASTRO, Professor e Pesquisador

Tânia — Qual a relação de Planaltina com Brasília?

Mário — Planaltina tem uma história inteiramente vinculada à história de Brasília. Pois quando Brasília foi construída já existia Planaltina. E se nós voltarmos ao passado há uma sequência de fatos que trazem uma série de acontecimentos até essa região onde está Planaltina. A origem de Planaltina remonta a cerca de 1790, quando o primeiro habitante, fugindo já do esgotamento das minas de ouro, achou de se estabelecer nessas paragens, pelo fato da beleza, do clima agradável. Para a construção de Brasília aconteceram uma série de expedições, fazendo estudos de localização desse Distrito Federal. Em 1892 eles estiveram em Planaltina. O guia da Comissão Cruis foi meu avô, Viriato de Castro. Ele tinha 14 anos. Nessa época eles vieram indicados a uma pessoa chamada Valeriano

de Castro, em Formosa, e a pedido da Comissão meu Bisavô cedeu o filho para servir de guia à Comissão Cruis. Ele era muito jovem, mas conhecia toda a região.

Tânia — O que você diria de Planaltina hoje?

Mário — É uma cidade de progresso, que tem um setor educacional desen volvido, uma cidade que conta com uma das maiores áreas dentro do Distrito Federal, uma série de núcleos rurais com escolas, com uma organização própria, e Planaltina contém uma vila, a Vila Buritis, formada por aqueles que construíram Brasília.

Essas pessoas, por um determinado tempo, ficaram sem moradia na periferia do Plano Piloto, e não encontrando uma forma melhor, o governo achou melhor assentá-los em Planaltina. Hoje é uma Vila desenvolvida, com avenidas comerciais, com prédios, uma gente já integrada e participante da nossa comunidade.

Tânia — Fale sobre a espiritualidade desta região.

Mário — A espiritualidade desta região é algo incomum. Nós podemos voltar ao passado e observarmos algumas das expedições que vieram Planaltina, e nós chegamos à seguinte conclusão: o local possui um magnetismo inexplicável. O Anhangüera, na sua primeira viagem aos Guaiases, em 1722, seguindo todo um roteiro, passagens por uma série de localidades. Ao chegar a esta região ele mudou seu comportamento. Por aqui ele esteve cerca de um mês, um mês e meio, e daí ele voltou aos céus, voltou a Deus, para fazer uma série de preces e novenas. Se nós observarmos a passagem de Pascoal Pais de Araújo, um pouco antes, 1683, nós vamos ver a passagem dele por estas paragens. Adiantando um pouco mais no tempo, nós vamos ter o sonho de D. Bosco, já prevendo um paraíso futuro, uma cidade que seria a contestação de uma cultura anterior, que seria uma abertura para um novo milênio. A prova testemunhal está aí: Brasília. Se observarmos os viajantes que passaram por aqui, Johan Emanuel Pohl, Saint Hilaire, todos eles faziam uma reverência especial por estas paragens. Com a construção de Brasília nós hoje temos a existência do Vale do Amanhecer, que começou a acontecer por volta de 1969, com a presença de Tia Neiva.

Tânia — A senhora já viu Tia Neiva?

Mário — Vejo Deus em sua figuração hieroglífica. Vejo Deus hieroglífico. Aqui nestas paredes, nestas pedras. Deus é o todo, o todo é Deus. Se eu pudesse eu vivia olhando para o Universo.

JOÃO DA MATA COSTA (MARANHÃO) - Morador da Vila Buritis

Tânia — Seu Maranhão, esse nome é porque o senhor veio do Maranhão. O senhor veio de lá para construir Brasília?

Maranhão — Pelo menos esse era meu pensamento, né?

Tânia — Qual era sua profissão?

Maranhão — Pequeno comerciante. Quando eu cheguei me instalei na Asa Norte. Daí surgiu esta vila aqui. Ai fui informado por um mineiro que aqui seria muito bom. Vim examinar

o local com uma filha minha, e gostei muito desta área. Lá na Asa Norte vivi numa casa de aluguel. Havia muita invasão lá na Asa Norte, lá perto do CEUB, mas eu estava na pista, onde hoje é a Casa São João. Deixei o comércio, fiz um barraco pequeno, me informaram que com esse pequeno barraco eu ganharia o lote. Aconteceu exatamente isso.

Tânia — Veio muita gente da Asa Norte para cá? E de outros lugares?

Maranhão — Vieram umas duzentas e tantas pessoas formar a Vila Buritis. Nos entregaram o local para a gente ir se virando, numa situação muito precária.

### SR. CARLOS, Presidente da Escola de Samba Mocidade de Planaltina

Liliana Fraifeld — Quando e como o senhor chegou a Brasília?

Carlos — Bom, cheguei em Brasília no dia 13 de setembro de 1957. Aqui chegando, fui um dos fundadores da primeira escola de samba de Brasília, a "Alvorada de Ritos", da 410 Sul, da qual fui campeão, tricampeão. Depois continuei minha vida de sambista em todas as escolas de Brasília. Depois me mudei para Planaltina. Cheguei aqui e por não ter aqui uma escola de samba, estudei a situação e resolvi fundar uma escola de samba. Ela já funciona há cinco anos e só me dá dor de cabeça.

### VELHO DOCA, Morador da Vila Buritis

Doca — Cheguei aqui por causa da política da região nordestina. Eu tive que sair de lá. Fui para o Rio, primeiro, onde passei nove dias. Depois fui para São Paulo, onde morei três meses. Depois para Campinas. Lá tive uma entrevista com a Madame Zulmira, uma cartomante. Eu queria ir para o sul, e ela disse que o sul não dava para mim. Que eu ficasse em São Paulo. Mas eu disse a ela que não estava dando e perguntei se em Brasília daria certo. Ela respondeu que em Brasília daria, mas que eu tomasse cuidado por que lá estava muito perigoso. Cheguei aqui no dia 2 de março de 1958.

### SOUZA LIMA, Folclorista

Souza Lima — O catira toda vida existiu aqui na região de Planaltina. Eu vivo aqui há 23 anos, e já existia catira, outras danças folclóricas, outras manifestações. Como o advento de Brasília houve um esfriamento do povo em relação ao folclore. Porque achava que folclore já era, ninguém mais valorizava. Nós sentimos isso na opinião de muitas pessoas. Em 1972, um administrador de Planaltina, Dr. Francisco Farias, se interessou muito pelo assunto e em razão de eu conhecer muita gente na região. Nós procuramos manter contato com essas pessoas, para que pudessemos reviver o folclore da região, principalmente o Catira, que é o que mais predomina aqui. E graças ao apoio das administrações desta cidade nós estamos conseguindo manter a tradição, não deixando acabar, e mostrando as crianças, aos adolescentes, que é importante participar.



O Museu Histórico de Planaltina